

Região Nordeste

Gráfico 2.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Região Nordeste

Dados dessazonalizados

2002 = 100

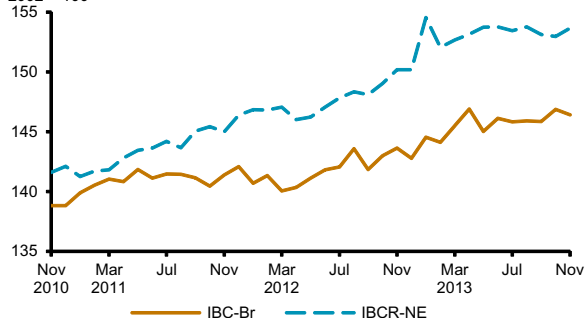
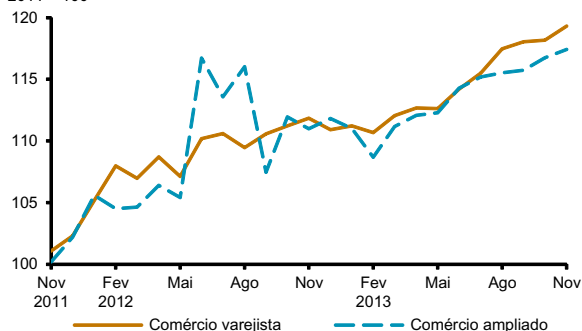


Gráfico 2.2 – Comércio varejista – Nordeste

Dados dessazonalizados

2011 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 2.1 – Comércio varejista – Nordeste

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2012	2013		
		Ago ^{1/}	Nov ^{1/}	12 meses
Comércio varejista	9,3	2,9	2,4	5,3
Combustíveis e lubrificantes	9,1	0,9	3,4	2,4
Híper e supermercados	7,4	3,2	2,2	1,2
Móveis e eletrodomésticos	14,4	4,9	4,3	8,9
Eq. e mat. p/esc., inf. e com.	15,9	3,7	-9,5	-9,0
Comércio ampliado	9,8	2,8	1,4	4,0
Automóveis e motocicletas	8,9	2,8	-0,3	-2,6
Material de construção	10,9	0,8	7,3	9,1

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

O nível da atividade no Nordeste, em linha com a evolução da economia do país, moderou no terceiro trimestre de 2013. Nesse contexto, considerados dados dessazonalizados, os PIBs da Bahia, Pernambuco e Ceará variaram -0,2%, -0,8% e 1,1%, respectivamente, no trimestre encerrado em setembro, em relação ao finalizado em junho, quando cresceram, na ordem, 1,5%, 1,2% e 2%. Ainda de acordo com dados dessazonalizados, o IBCR-NE, decresceu 0,3% no trimestre terminado em novembro, em relação ao encerrado em agosto, quando crescera 0,3%, no mesmo tipo de comparação.

As vendas do comércio varejista aumentaram 2,4% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando se elevaram 2,9%, na mesma base comparativa, de acordo com dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Destacaram-se as elevações nas vendas de livros, jornais, revistas e papelaria, 5,2%, e móveis e eletrodomésticos, 4,3%. O comércio ampliado, incluindo variações respectivas de -0,3% e 7,3% nos segmentos veículos, motos, partes e peças e material de construção, cresceu 1,4% no trimestre encerrado em novembro (2,8% no finalizado em agosto).

Considerados períodos de doze meses, o comércio varejista cresceu 5,3% em novembro, em relação a igual período do ano anterior (6,2% em agosto), ressaltando-se os aumentos nas vendas de outros artigos de uso pessoal e doméstico, 16,5%, e artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos, 13,7%. O comércio ampliado, refletindo variações respectivas de 9,1% e -2,6% nos segmentos material de construção e veículos, motos, partes e peças, expandiu-se 4% no período (5% em agosto).

A receita nominal do setor de serviços cresceu 7,9% no trimestre encerrado em novembro, em relação a igual período de 2012, segundo a PMS do IBGE. Destacaram-se os aumentos nos segmentos serviços prestados às famílias,

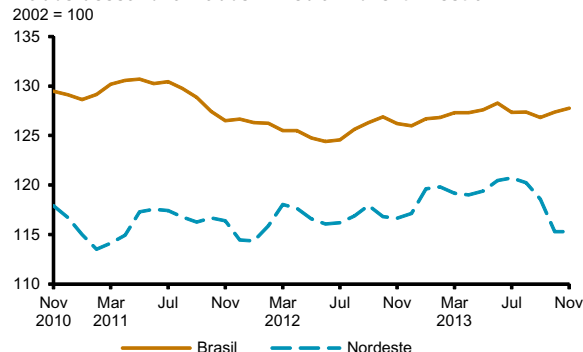
Tabela 2.2 – Receita nominal de serviços – Nordeste

Serviços empres. não financeiros, exceto saúde e educação

Segmentos	Variação %		
	2013		
	Ago ^{1/}	Nov ^{1/}	12 meses
Total	10,6	7,9	9,5
Serviços prestados às famílias	10,8	9,6	9,6
Serviços de informação e comunicação	6,0	4,8	5,4
Serviços profissionais e administrativos	14,4	8,3	12,0
Transportes e correio	13,8	8,8	12,2
Outros serviços	4,9	17,6	8,7

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa ao trimestre encerrado no mês assinalado e o mesmo período do ano anterior.

Gráfico 2.3 – Produção industrial – Nordeste
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100

Fonte: IBGE

Tabela 2.3 – Produção industrial – Nordeste

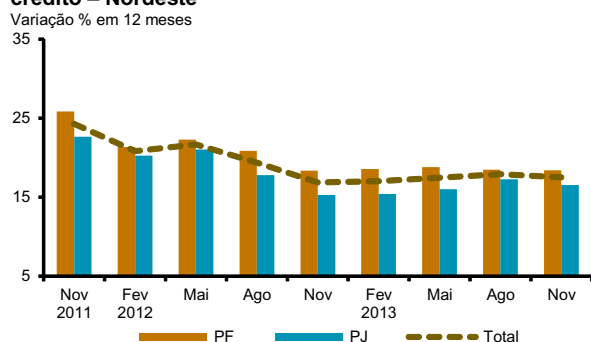
Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2013		
		Ago ^{2/}	Nov ^{2/}	12 meses
Indústria geral	100,0	0,7	-4,1	1,6
Indústria extrativa	5,0	-1,8	2,8	0,5
Indústria de transformação	95,0	0,8	-5,3	1,6
Alimentação e bebidas	28,8	-0,1	-8,3	-6,8
Produtos químicos	19,7	2,0	-9,8	3,5
Refino de petróleo e álcool	13,1	5,1	0,2	14,0
Metalurgia básica	7,3	0,3	-2,1	5,8

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 2.4 – Evolução do saldo das operações de crédito – Nordeste^{1/}

1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

9,6%; e serviços auxiliares aos transportes e correios, 8,8%. Considerados períodos de doze meses, a receita nominal do setor aumentou 9,5% em novembro, em relação a igual período de 2012, com destaque para os segmentos serviços auxiliares aos transportes e correios (12,2%), serviços profissionais, administrativos e complementares (12%) e serviços prestados a famílias (9,6%).

A produção industrial nordestina recuou 4,1% no trimestre finalizado em novembro, em relação ao encerrado em agosto, quando crescera 0,7%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados da Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF) do IBGE. Ocorreram, no trimestre, aumentos da produção em seis das onze atividades pesquisadas, com destaque para têxtil (3,5%) e vestuário (3,3%).

A análise em doze meses indica que a produção industrial do Nordeste aumentou 1,6% em novembro (1,8% em agosto), em relação a igual intervalo do ano anterior, resultado da alta de 0,5% na produção da indústria extrativa e crescimento de 1,6% na da indústria de transformação, com destaque para os segmentos de refino petróleo e álcool (14%) e vestuário (13,7%).

O saldo das operações de crédito superiores a R\$1 mil contratadas na região atingiu R\$345 bilhões em novembro, elevando-se 3,9% no trimestre e 17,5% em doze meses. Os créditos às pessoas físicas totalizaram R\$181 bilhões, aumentos de 4% no trimestre e 18,4% em doze meses, sobressaindo as modalidades crédito consignado, empréstimos habitacionais e financiamento a veículos. O total contratado no segmento de pessoas jurídicas somou R\$164 bilhões, expandindo-se 3,9% e 16,5% respectivamente, nas mesmas bases de comparação, com destaque para os recursos destinados às atividades transmissão e distribuição de energia elétrica e gás; serviços públicos (exceto educação e saúde); construção e refino de petróleo.

A inadimplência dessas operações de crédito atingiu 3,8% em novembro, recuando 0,14 p.p. no trimestre e 0,43 p.p. em doze meses. A evolução trimestral decorreu de reduções respectivas de 0,2 p.p. e 0,1 p.p. nos segmentos de pessoas físicas e de pessoas jurídicas, nos quais a taxa situou-se, na ordem, em 5,4% e 2,3%.

Os desembolsos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para o Nordeste totalizaram R\$5,1 bilhões no trimestre finalizado em outubro, recuando 22,8% em relação a igual período do

Tabela 2.4 – Necessidades de financiamento – Nordeste^{1/}

UF	R\$ milhões			
	Resultado primário		Juros nominais	
	2012	2013	2012	2013
	Jan-set	Jan-set	Jan-set	Jan-set
Total	-3 434	-3 287	3 998	2 517
Governos estaduais	-3 592	-2 048	3 819	2 383
Capitais	-84	-1015	71	54
Demais municípios	242	-224	109	80

1/ Inclui inform. dos estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

Tabela 2.5 – Dívida líquida – Nordeste^{1/}

Composição

Região Nordeste	R\$ milhões		
	2011	2012	2013
	Dez	Dez	Set
Dívida bancária	10 309	12 427	14 801
Renegociação ^{2/}	23 313	23 000	20 077
Dívida externa	5 080	8 715	13 493
Outras dívidas junto à União	101	62	41
Dívida reestruturada	805	817	870
Disponibilidades líquidas	-6 759	-7 497	-11 428
Total (A)	32 848	37 524	37 854
Brasil^{3/} (B)	491 433	541 717	558 105
(A/B) (%)	6,7	6,9	6,8

1/ Inclui inform. dos estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ Lei nº 8.727/1993, Lei nº 9.496/1997 e MP nº 2.185/2000.

3/ Refere-se à soma de todas as regiões.

Tabela 2.6 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Nordeste^{1/}

						R\$ milhões
UF	Dívida	Fluxos acumulados no ano				Dívida ^{2/}
	2012	Nominal			Outros ^{4/}	2013
	Dez	Primário	Juros	Total ^{3/}		Set
Total	37 524	-3 287	2517	-770	1101	37 854
Governos estaduais	36 088	-2048	2383	335	978	37 400
Capitais	803	-1015	54	-961	119	-39
Demais municípios	633	-224	80	-144	4	493

1/ Inclui inform. dos estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhec. de dívidas e privatiz.

ano anterior. Os desembolsos somaram R\$27,1 bilhões no período de doze meses encerrado em outubro (acréscimo de 34,3% em relação a igual período de 2012).

O *superavit* primário dos governos estaduais, das capitais e dos principais municípios do Nordeste atingiu R\$3,3 bilhões nos nove primeiros meses do ano. A redução de 4,3% em relação a igual período de 2012 refletiu a retração de 43% no *superavit* dos governos estaduais; o aumento, de R\$84 milhões para R\$1 bilhão, no *superavit* das capitais; e a reversão, de *deficit* de R\$242 milhões para *superavit* de R\$224 milhões, na esfera dos demais municípios.

Os juros nominais, apropriados por competência, somaram R\$2,5 bilhões no período, dos quais R\$2,4 bilhões na esfera dos governos estaduais, resultando em *superavit* nominal de R\$770 milhões nos nove primeiros meses do ano.

A dívida líquida dos estados, das capitais e dos principais municípios do Nordeste totalizou R\$37,9 bilhões em setembro de 2013 (6,8% da dívida de todos os estados, capitais e principais municípios do país), elevando-se 0,9% em relação a dezembro do ano anterior. As representatividades das dívidas renegociadas/reestruturadas com a União, bancária e externa atingiram, 55,3%; 39,1% e 35,6%, no período. A posição credora em disponibilidades líquidas somou 30,2% da dívida líquida nordestina.

Dados preliminares até dezembro de 2013 para os três segmentos subnacionais, considerados de forma conjunta, indicam *superavit* primário de R\$2,6 bilhões, com recuo de 11,5% em relação ao ano anterior. Os juros nominais, por outro lado, alcançaram R\$3,6 bilhões em 2013, recuando 25% em relação ao valor registrado em 2012, evolução influenciada pela menor variação do IGP-DI. Ainda de acordo com dados preliminares, o endividamento líquido alcançou R\$40,4 bilhões em dezembro, apontando crescimento de 7,7% em relação ao ano anterior. A participação do endividamento da Região no total da dívida dos estados, capitais e principais municípios do país, alcançou 6,9% em 2013, mesmo percentual registrado em 2012.

A produção de grãos do Nordeste totalizou 12 milhões de toneladas em 2013 (6,3% da safra nacional, ante 7,3% em 2012), segundo o LSPA de dezembro do IBGE. O aumento anual de 0,7% refletiu, em parte, elevações nas culturas de feijão (88,5%) e milho (23,3%); e redução de

Tabela 2.7 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Região Nordeste^{1/}

R\$ milhões						
Região	Dívida	Fluxos acumulados no ano				Dívida ^{2/}
Nordeste	2012	Primário	Juros	Nominal ^{3/}	Outros ^{4/}	2013
	Dez					Dez
Alagoas	6 821	-164	821	656	60	7 538
Bahia	11 239	-1 661	941	-720	769	11 289
Ceará	3 313	-445	325	-120	1 506	4 698
Maranhão	3 094	-840	303	-538	157	2 713
Paraíba	2 137	61	174	235	24	2 395
Pernambuco	5 425	757	626	1 383	318	7 126
Piauí	1 730	-19	96	77	117	1 923
Rio G. Norte	1 160	-86	112	26	-1 109	77
Sergipe	2 605	-233	219	-15	45	2 636
Total (A)	37 524	-2 630	3 616	986	1 886	40 396
Brasil^{5/} (B)	541 717	-20 256	60 211	39 955	4 485	586 158
(A/B) (%)	6,9	13,0	6,0	2,5	42,1	6,9

1/ Por UF, totalizando gov. estadual, capital e principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhecimentos de dívidas e privatizações.

5/ Refere-se à soma de todas as regiões.

Tabela 2.8 – Produção agrícola – Nordeste

Itens selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/} (%)	Em mil toneladas		Var. % 2013/2012
		Produção ^{2/} 2012	2013	
Produção de grãos		11 885	11 969	0,7
Soja	15,08	6 096	5 268	-13,6
Milho	8,42	3 901	4 808	23,3
Caroço de algodão (herbáceo)	8,15	855	631	-26,1
Feijão	5,01	258	487	88,5
Outras lavouras selecionadas				
Cana-de-açúcar	17,56	68 137	69 200	1,6
Mandioca	5,54	5 976	4 810	-19,5
Banana	5,43	2 428	2 362	-2,7

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2011.

2/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2013.

Tabela 2.9 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Nordeste		Brasil	
	2012	2013	Var. %	Var. %
Total	18 773	17 270	-8,0	-0,2
Básicos	5 078	3 558	-29,9	-0,4
Industrializados	13 695	13 712	0,1	0,0
Semimanufaturados	4 924	4 767	-3,2	-7,6
Manufaturados ^{1/}	8 771	8 945	2,0	2,7

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

13,6% na safra de soja. Em relação às demais culturas, ressaltam-se o aumento de 40,7% na produção de castanha de caju e o recuo de 19,5% na de mandioca. Adicionalmente, o IBGE divulgou prognóstico de crescimento anual de 30,9% para a safra de grãos da região em 2014, destacando-se os acréscimos previstos para as safras de soja, 38,7%; feijão, 37%; e milho 22,1%.

A balança comercial do Nordeste apresentou deficit de US\$10,5 bilhões em 2013 (US\$7,2 bilhões no ano anterior), de acordo com o MDIC. O aumento anual decorreu de variações respectivas de -8% e 6,7% nas exportações e nas importações, que totalizaram, na ordem, US\$17,3 bilhões e US\$27,8 bilhões.

O desempenho das exportações, reflexo de recuos de 6,6% nos preços e 1,6% no *quantum*, decorreu de retrações nas vendas em todas as categorias de fator agregado. Destaque para o recuo de 29,9% nos embarques de produtos básicos, impactados pelos decréscimos respectivos de 12,3% e 53,2% nas vendas de soja – principal item da categoria – e de algodão em bruto. China, EUA, Argentina, Holanda e Panamá adquiriram, em conjunto, 52,3% das exportações do Nordeste em 2013.

O crescimento das importações, decorrente de variações de -1,9% nos preços e 8,8% no *quantum*, refletiu, em especial, expansões de 16,4% nas compras de bens de capital (motores, geradores e transformadores elétricos e suas partes, 66,8%; veículos de carga, 87,2%) e de 12,2% nas de matérias-primas (minérios de cobre e seus concentrados, 88,1%). As importações provenientes dos EUA, China, Argentina, Índia e Chile representaram, em conjunto, 51,4% do total adquirido, em 2013, pela região.

A economia nordestina gerou 151 mil postos formais de trabalho no trimestre encerrado em novembro (102,1 mil em igual período de 2012), de acordo com o Caged/MTE, dos quais 78,9 mil nas atividades construção civil e indústria de transformação (50,1 mil no mesmo período de 2012). Foram criados 134,4 mil empregos formais nos onze primeiros meses do ano (142,8 mil em igual período de 2012).

O nível de emprego formal do Nordeste, considerados dados dessazonalizados, cresceu 0,4% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao terminado em agosto, destacando-se aumentos nas atividades serviços industriais de utilidade pública, 1,4%, e agropecuária, 1,1%.

Tabela 2.10 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Nordeste			Brasil
	2012	2013	Var. %	Var. %
Total	26 007	27 755	6,7	7,4
Bens de capital	3 806	4 432	16,4	6,2
Matérias-primas	10 177	11 419	12,2	6,7
Bens de consumo	2 585	2 595	0,4	4,0
Duráveis	1 849	1 845	-0,2	0,0
Não duráveis	737	750	1,8	9,2
Combustíveis e lubrificantes	9 439	9 309	-1,4	14,7

Fonte: MDIC/Secex

Tabela 2.11 – Evolução do emprego formal – Nordeste

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2012	2013			
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Total	102,1	-95,8	-35,2	63,7	151,0
Indústria de transformação	50,4	-41,7	-40,8	16,1	64,5
Serviços industriais de utilidade pública	-2,1	0,6	1,3	0,0	1,5
Construção civil	-0,2	-14,1	-2,6	-2,2	14,4
Comércio	36,2	-11,1	-2,5	6,4	37,8
Serviços	21,1	-6,3	13,4	24,2	30,9
Agropecuária	-2,9	-22,3	-4,6	18,3	2,0
Outros ^{2/}	-0,5	-0,8	0,5	0,8	-0,1

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

Tabela 2.12 – IPCA – Nordeste

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação %			
		2012	2013		
		Ano	III Tri	IV Tri	Ano
IPCA	100,0	6,50	0,28	1,99	5,90
Livres	78,9	7,17	0,26	2,15	7,17
Comercializáveis	39,9	4,54	1,01	2,32	5,72
Não comercializáveis	39,0	10,08	-0,51	1,98	8,73
Monitorados	21,1	4,20	0,36	1,39	1,38
Principais itens					
Alimentação	28,2	11,98	-1,29	2,54	8,82
Habitação	13,6	6,41	1,43	1,12	2,69
Artigos de residência	4,9	-0,45	0,62	2,34	5,84
Vestuário	7,5	3,67	1,09	3,38	6,25
Transportes	17,5	1,97	0,16	2,15	3,27
Saúde	10,9	5,43	1,27	0,69	6,17
Despesas pessoais	8,9	10,02	1,09	2,96	7,59
Educação	4,4	8,20	1,40	0,21	8,49
Comunicação	4,2	1,18	0,78	0,92	1,68

Fonte: IBGE

1/ Pesos relativos ao trimestre encerrado no período t-3.

A taxa de desemprego do Nordeste, consideradas as regiões metropolitanas de Recife (RMR) e de Salvador (RMS), atingiu 7,6% no trimestre terminado em novembro de 2013, de acordo com o IBGE. O aumento de 1 p.p. em relação a igual período de 2012 decorreu de variações de 1,1% na População Economicamente Ativa (PEA) e -0,3% na população ocupada. O rendimento real médio habitual e a massa salarial real recuaram 3,5% e 3,8%, respectivamente, no período. Considerados dados dessazonalizados, a taxa média de desemprego no Nordeste atingiu 7,7% no trimestre até novembro, estável em relação ao trimestre finalizado em agosto.

A variação do IPCA da região¹ atingiu 1,99% no quarto trimestre do ano (0,28% no terceiro) evolução decorrente de aceleração nos preços livres, de 0,26% para 2,15%, e nos monitorados, de 0,36% para 1,39%. Destacaram-se, neste grupo, aumentos respectivos de 7,93% e 5,32% nos preços de ônibus interestadual e óleo diesel.

A aceleração dos preços livres refletiu aumentos nas variações dos preços dos bens comercializáveis, de 1,01% para 2,32% (carnes, 4,70%; panificados, 3,67%; vestuário, 3,38%), e dos preços dos bens não comercializáveis, de -0,51% para 1,98% (passagem aérea, 35,49%; tubérculos, raízes e legumes, 19,75%; pescados, 5,22%). O índice de difusão atingiu 60,45% no trimestre encerrado em dezembro (55,82% no finalizado em setembro).

O IPCA do Nordeste variou 5,90% em 2013 (6,50% em 2012). Os preços livres aumentaram 7,17% (grupo educação, 8,49%) e os monitorados 1,38% (óleo diesel, 15,69%; gás de botijão, 10,08%).

A atividade econômica na região seguiu com expansão moderada em 2013, não obstante haver sido sensibilizada pelas quebras de safras de importantes produtos agrícolas, decorrentes da seca que atingiu o Nordeste pelo segundo ano consecutivo. A atividade foi sustentada, em parte, pelo melhor desempenho do setor industrial. Em 2014, a atividade tende a ser favorecida pela recuperação da agropecuária e pelos impactos de investimentos públicos e privados programados.

1/ Consideram-se as variações e os respectivos pesos das três regiões metropolitanas abrangidas pelo IPCA: Fortaleza, Recife e Salvador.

Gráfico 2.5 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Bahia

Dados dessazonalizados

2002 = 100

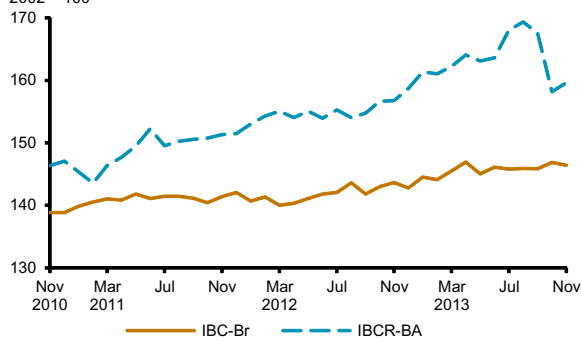
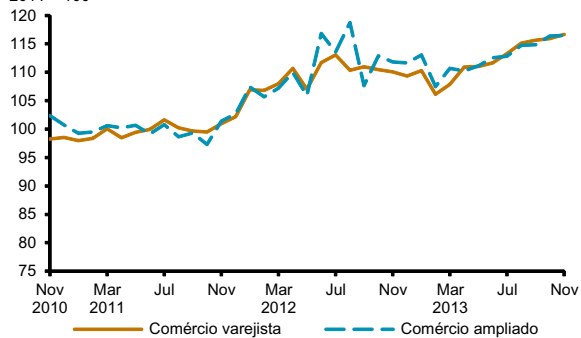


Gráfico 2.6 – Comércio varejista – Bahia

Dados dessazonalizados

2011 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 2.13 – Comércio varejista – Bahia

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2013			
	Mai ^{1/}	Ago ^{1/}	Nov ^{1/}	12 meses
Comércio varejista	1,2	3,1	2,4	2,7
Combustíveis e lubrificantes	5,0	-1,4	5,5	-9,9
Híper, supermercados	-2,1	3,6	2,7	2,0
Tecidos, vestuário e calçados	-0,8	0,7	0,9	6,7
Móveis e eletrodomésticos	3,9	4,3	4,5	9,1
Comércio ampliado	0,0	2,4	2,2	2,2
Automóveis e motocicletas	-5,9	2,1	0,0	0,4
Material de construção	3,0	1,4	8,8	6,6

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Tabela 2.14 – Receita nominal de serviços – Bahia

Serv. empresariais não financeiros, exceto saúde e educação

Segmentos	Variação % no período			
	2013			
	Ano	Ago ^{1/}	Nov ^{1/}	12 meses
Total	9,4	12,1	6,8	9,8
Serviços prestados às famílias	8,0	6,1	5,6	8,5
Serviços de informação e comunicação	7,8	5,1	2,0	4,6
Serviços profissionais e administrativos	19,9	23,4	11,4	16,2
Transportes e correio	5,7	14,2	6,4	11,1
Outros serviços	6,9	6,6	21,3	9,5

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa ao trimestre encerrado no mês assinalado e o mesmo período do ano anterior.

Bahia

O PIB da Bahia cresceu 3,4% no terceiro trimestre de 2013, em relação à igual período do ano anterior, reflexo de expansões na indústria, 5,1% (indústria de transformação, 8,8%) e no setor de serviços, 2,1%; e de retração de 3,7% na agropecuária, conforme estimativa da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI). Considerados dados dessazonalizados, o PIB recuou 0,5% em relação ao trimestre encerrado em junho. Esse movimento na margem foi, de certa forma, ratificado pela evolução recente do IBCR-BA, que, evidenciando resultados negativos na agricultura e na indústria de transformação, recuou 3,1% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao terminado em agosto, quando crescera 2,4%, no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados. O indicador variou 5,5% no período de doze meses encerrado em novembro (5,5% em agosto).

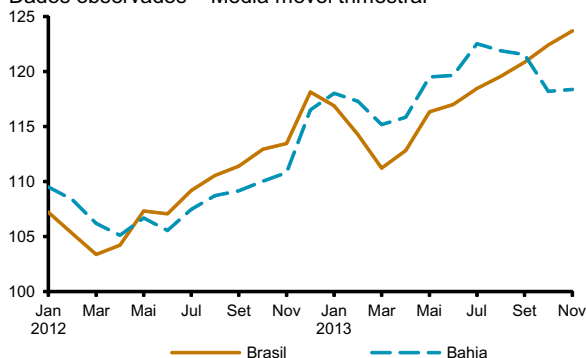
As vendas do comércio varejista aumentaram 2,4% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao terminado em agosto, quando cresceram 3,1%, na mesma base de comparação, segundo dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Houve aumento em seis dos oito segmentos pesquisados, destacando-se combustíveis e lubrificantes, 5,5%, e móveis e eletrodomésticos, 4,5%. Incorporadas a variação de 8,8% nas vendas de material de construção e a estabilidade nas de veículos, o comércio ampliado expandiu 2,2% no trimestre.

Em doze meses, as vendas no varejo cresceram 2,7% em novembro, em relação a igual período do ano anterior (3,9% em agosto), destacando-se os aumentos nos segmentos outros artigos de uso pessoal e doméstico, 20,2%, artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos, 13,2%, livros, jornais, revistas e papelaria, 12,7%, e móveis e eletrodomésticos, 9,1%. O comércio ampliado, incluídas as variações respectivas de 6,6% e de 0,4% nas vendas de material de construção e de veículos, motos, partes e peças, expandiu 2,2% no período (3,8% em agosto).

A receita nominal do setor de serviços da Bahia cresceu 6,8% no trimestre encerrado em novembro, em relação a igual período de 2012 (outros serviços, 21,3%; serviços profissionais e administrativos, 11,4%), segundo a PMS do IBGE. Considerados intervalos de doze meses, o indicador aumentou 9,8% em novembro (serviços profissionais e administrativos, 16,2%).

Gráfico 2.7 – Receita nominal de serviços

Dados observados – Média móvel trimestral

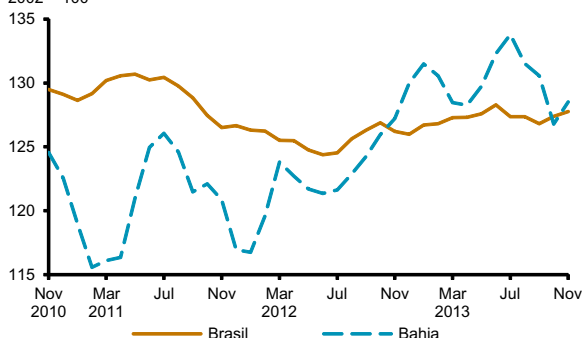


Fonte: IBGE

Gráfico 2.8 – Produção industrial – Bahia

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral

2002 = 100

**Tabela 2.15 – Produção industrial – Bahia**

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2013		Acumulado em 12 meses
		Ago ^{2/}	Nov ^{2/}	
Indústria geral	100,0	1,4	-2,3	5,7
Indústria extrativa	4,6	0,7	1,0	0,7
Indústria de transformação	95,4	0,8	-2,5	6,0
Produtos químicos	30,4	5,7	-10,6	1,8
Ref. petróleo e prod. álcool	23,0	4,5	3,1	16,6
Alimentos e bebidas	15,8	-1,8	-4,5	-7,4
Celulose e papel	11,2	-0,7	2,2	3,0
Metalurgia básica	6,7	-3,7	4,5	23,7

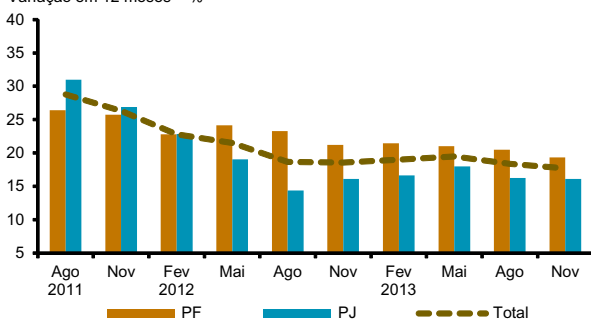
Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na Indústria Geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 2.9 – Evolução do saldo das operações de crédito – Bahia^{1/}

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

A produção industrial da Bahia recuou 2,3% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando havia crescido 1,4%, na mesma base de comparação, segundo dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE. A indústria extrativa cresceu 1% e a de transformação recuou 2,5% (produtos petroquímicos, -10,6%; alimentos e bebidas, -4,5%; metalurgia básica, 4,5%; e refino de petróleo e produção de álcool, 3,1%).

Considerados períodos de doze meses, a produção industrial baiana cresceu 5,7% em novembro (6,6% em agosto), ressaltando-se as expansões nos segmentos veículos automotores, 23,8%, metalurgia básica, 23,7%, e refino de petróleo e produção de álcool, 16,6%.

O Indicador de Confiança do Empresariado Baiano (Iceb), calculado pela SEI, atingiu -21,8 pontos em novembro (-36,4 pontos em outubro), situando-se na zona de pessimismo moderado. Setorialmente, o indicador atingiu 10,4 pontos na agropecuária, -42,3 pontos na indústria e -17 pontos nos serviços e comércio.

As operações de crédito superiores a R\$1 mil realizadas na Bahia somaram R\$97,7 bilhões em novembro, elevando-se 4,1% no trimestre e 17,7% em doze meses. A carteira de pessoas físicas totalizou R\$49,2 bilhões, elevações respectivas de 3,9% e 19,3% nas bases de comparação mencionadas, destacando-se, no trimestre, o dinamismo das modalidades empréstimos consignados, financiamentos habitacionais e financiamentos para aquisição de veículos, responsáveis, em conjunto, por 59,1% do saldo do segmento. Os empréstimos para pessoas jurídicas somaram R\$48,5 bilhões, aumentos de 4,3% no trimestre e 16,1% em doze meses, sobressaindo as contratações das indústrias química; de papel e papelão; e da construção civil.

A inadimplência das operações de crédito no estado atingiu 3,87% em novembro. O recuo trimestral de 0,26 p.p. refletiu as reduções respectivas de 0,15 p.p. e 0,35 p.p. nos segmentos de pessoas físicas e de pessoas jurídicas, cujas taxas situaram-se, na ordem, em 5,34% e em 2,51%.

O *superavit* primário dos governos do estado, da capital e dos principais municípios da Bahia somou R\$1,9 bilhão nos nove primeiros meses de 2013. O crescimento de 149,6% em relação a igual período de 2012 decorreu de elevações respectivas de 696,2% e 63,3% nos *superavits* dos governos da capital e do estado, e da reversão, de *deficit* de R\$119,8 milhões, para *superavit* de R\$103,6 milhões, no resultado dos demais municípios considerados.

Tabela 2.16 – Necessidades de financiamento – Bahia^{1/}

UF	R\$ milhões			
	Resultado primário		Juros nominais	
	2012	2013	2012	2013
	Jan-set	Jan-set	Jan-set	Jan-set
Estado da Bahia	-747	-1 864	852	655
Governo estadual	-812	-1 326	695	530
Capital	-55	-435	79	58
Demais municípios	120	-104	78	68

1/ Inclui inform. dos estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

Tabela 2.17 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Bahia^{1/}

	R\$ milhões					
UF	Dívida	Fluxos acumulados no ano				Dívida ^{2/}
		2012	Nominal			
	Dez	Primário	Juros	Total ^{3/}	Set	
	Estado da Bahia	11 239	-1 864	655	-1 209	512
Governo estadual	9 179	-1 326	530	-796	444	8 827
Capital	1 108	-435	58	-377	65	796
Demais municípios	952	-104	68	-36	3	919

1/ Inclui inform. do Estado e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhec. de dívidas e privatiz.

Tabela 2.18 – Produção agrícola – Bahia

Itens selecionados

Discriminação	Peso ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção		Variação %
		2012	2013 ^{2/}	
Grãos				
Soja	21,2	3 213	2 766	-13,9
Algodão herbáceo	21,8	1 256	925	-26,4
Milho	6,7	1 883	2 115	12,3
Feijão	1,9	107	249	133,2
Outros grãos ^{3/}	0,4	85	78	-8,3
Outras lavouras				
Cacau	6,4	159	158	-0,8
Banana	5,8	1 081	1 113	3,0
Café	5,5	143	162	13,5
Mandioca	4,4	2 202	1 854	-15,8
Cana-de-açúcar	3,4	6 894	6 760	-2,0

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2012.

2/ Segundo o LSPA de dezembro de 2013.

3/ Amendoim, arroz, mamona e sorgo.

Os juros nominais, apropriados por competência, totalizaram R\$655 milhões, contribuindo para que o *superavit* nominal totalizasse R\$1,2 bilhão (*deficit* de R\$105 milhões nos nove primeiros meses de 2012).

A dívida líquida dos governos do estado, da capital e dos principais municípios da Bahia totalizou R\$10,5 bilhões em setembro de 2013, recuo de 6,2% em relação a dezembro de 2012. Ocorreram reduções em todas as esferas de governo (estado, 3,8%; capital, 28,2%; principais municípios, 3,5%).

Dados preliminares até dezembro de 2013 para os governos estadual, da capital e dos principais municípios da Bahia, considerados de forma conjunta, indicam *superavit* primário de R\$1,7 bilhão, com recuo de 10,8% em relação ao ano anterior. Os juros nominais, por outro lado, alcançaram R\$941 milhões em 2013, recuando 12,6% em relação ao valor registrado em 2012, evolução influenciada pela menor variação do IGP-DI. O endividamento líquido, por sua vez, alcançou R\$11,3 bilhões em dezembro, crescimento de 0,4% em relação ao ano anterior, segundo os dados preliminares.

A produção de grãos da Bahia totalizou 6,1 milhões de toneladas em 2013, de acordo com o LSPA/IBGE de dezembro. A redução anual de 6,3% refletiu, principalmente, os recuos nas safras de algodão (26,4%) e soja (13,9%). Em relação às demais lavouras, destacaram-se a redução de 15,8% na produção de mandioca e os aumentos nas de banana, 3,0%, e café, 13,5%.

O terceiro prognóstico para a safra 2014, divulgado pelo IBGE, projeta aumentos para as safras de feijão (1ª safra), 186,4%; mandioca, 86,1%; e soja, 28,9%, e retrações para as culturas de algodão, 2,5%, e milho (1ª safra), 8,2%.

O *superavit* da balança comercial da Bahia totalizou US\$1,2 bilhão em 2013. A retração anual de 65,7% decorreu de variações de -10,4% nas exportações e de 14,5% nas importações, que totalizaram, na ordem, US\$10,1 bilhões e US\$8,9 bilhões.

A trajetória das exportações refletiu as reduções de 2,7% nos preços e 8% no *quantum*. Os embarques de produtos básicos decresceram 27,7% (algodão, -56,3%) e os de produtos manufaturados, que responderam por 51% da pauta, 11,6% (óleos combustíveis, -30,9%), contrastando com o aumento de 10,5% nas vendas de

Tabela 2.19 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Bahia		Brasil	
	2012	2013	Var. %	Var. %
Total	11 268	10 092	-10,4	-0,2
Básicos	2 815	2 037	-27,7	-0,4
Industrializados	8 453	8 055	-4,7	0,0
Semimanufaturados	2 634	2 912	10,5	-7,6
Manufaturados ^{1/}	5 818	5 144	-11,6	2,7

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 2.20 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Bahia		Brasil	
	2012	2013	Var. %	Var. %
Total	7 765	8 891	14,5	7,4
Bens de capital	1 173	1 662	41,7	6,2
Matérias-primas	4 826	5 456	13,1	6,7
Bens de consumo	1 456	1 410	-3,1	4,0
Duráveis	1 361	1 307	-4,0	0,0
Não duráveis	94	103	8,8	9,2
Combustíveis e lubrificantes	310	363	17,2	14,7

Fonte: MDIC/Secex

Tabela 2.21 – Evolução do emprego formal – Bahia

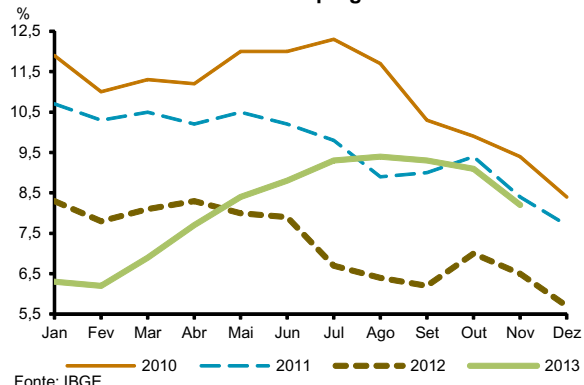
Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2012		2013		
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Total	4,3	-18,0	15,1	8,7	11,7
Indústria de transformação	-3,6	-6,3	1,9	1,4	0,1
Comércio	7,2	-2,3	0,0	1,1	9,1
Serviços	4,2	-0,7	3,5	1,3	4,3
Construção civil	1,8	-3,4	5,1	2,5	2,2
Agropecuária	-4,9	-4,7	4,4	1,9	-4,2
Serviços industriais de utilidade pública	-0,5	0,0	-0,1	-0,0	0,8
Outros ^{2/}	0,1	-0,6	0,4	0,5	-0,6

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

Gráfico 2.10 – Taxa de desemprego aberto – Bahia

Fonte: IBGE

produtos semimanufaturados (catodos de cobre, 394%). China, Holanda e Argentina adquiriram, em conjunto, 46% das exportações baianas em 2013.

O aumento nas importações resultou de variações de -9,1% nos preços e 26% no *quantum*. As aquisições de bens de capital, combustíveis e lubrificantes, e matérias-primas (84,1% do total importado em 2013) elevaram-se, na ordem, 41,7%, 17,2% e 13,1%. As aquisições de bens de consumo recuaram 3,1%, destacando-se a retração de 7,6% nas compras de automóveis. Argentina, Chile e EUA constituíram, em conjunto, o mercado de origem de 39,3% das importações baianas em 2013.

A economia do estado gerou, de acordo com o Caged/MTE, 11,7 mil empregos formais no trimestre encerrado em novembro (4,3 mil em igual intervalo de 2012), dos quais 9,1 mil no comércio. Considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego formal no estado cresceu 0,5% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando aumentara 0,2%, na mesma base de comparação.

A taxa média de desemprego da RMS atingiu, de acordo com a Pesquisa Mensal de Emprego (PME), 8,9% no trimestre finalizado em novembro (6,6% em igual período de 2012), refletindo aumento de 0,5% na população ocupada e de 3,1% na PEA. Os rendimentos médios reais habitualmente recebidos pelos trabalhadores decresceram 5,5% no período. Considerados dados dessazonalizados, a taxa de desemprego atingiu 9%, ante 8,7% no trimestre encerrado em agosto.

O IPCA da RMS variou 1,88% no quarto trimestre do ano (-0,02% no terceiro). A variação dos preços livres aumentou de -0,01% para 1,91%, e a dos itens monitorados avançou de -0,07% para 1,77%, com destaque para o impacto das elevações nos itens gasolina, 6,70%; gás de botijão, 2,90%; e plano de saúde, 2,18%.

A evolução trimestral dos preços livres evidenciou os aumentos nas variações dos preços dos bens comercializáveis, de 1,07% para 2,22%, e dos não comercializáveis, de -0,98% para 1,63%, destacando-se as elevações nos itens empregado doméstico, 3,23%; passagem aérea, 36,01%; e pão francês, 7,65%. O índice de difusão atingiu 66,9% no trimestre encerrado em dezembro (61,0% no finalizado em setembro).

A variação anual do IPCA atingiu 5,03% em 2013 (6,20% em 2012), reflexo de aceleração dos preços livres,

Tabela 2.22 – IPCA – Salvador

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação %				
		2012	2013			
		Ano	II Tri	III Tri	IV Tri	Ano
IPCA	100,00	6,21	1,04	-0,02	1,88	5,03
Livres	77,94	6,48	1,51	-0,01	1,91	6,66
Comercializáveis	37,29	3,60	0,58	1,07	2,22	5,52
Não comercializáveis	40,65	9,33	2,35	-0,98	1,63	7,73
Monitorados	22,06	5,26	-0,59	-0,07	1,77	-0,47
Principais itens						
Alimentação	27,36	11,50	1,93	-1,81	2,70	8,69
Habitação	13,61	7,57	1,67	0,99	0,33	-0,03
Artigos de residência	4,66	0,18	1,93	-0,18	2,19	4,97
Vestuário	7,29	4,01	0,46	1,70	2,39	6,06
Transportes	20,37	2,37	-0,80	-0,37	2,51	2,23
Saúde	9,99	5,17	2,33	1,13	0,54	5,50
Despesas pessoais	8,04	6,96	0,83	0,55	2,68	6,27
Educação	4,25	6,72	0,28	2,01	0,18	9,92
Comunicação	4,43	1,14	0,32	1,25	0,94	2,90

Fonte: IBGE

1/ Referentes a dezembro de 2013.

de 6,48% para 6,66%, e redução na variação dos preços monitorados, de 5,26% para -0,47% (energia elétrica residencial, -28,02%; ônibus urbano, -7,14%). A variação dos preços livres foi determinada, em parte, pelos aumentos nos itens farinha, féculas e massas, 42,63%; cursos regulares, 10,40%; cigarro, 15,09%, e leite e derivados, 14,69%.

A trajetória dos principais indicadores de conjuntura da Bahia sugere que o crescimento econômico do estado em 2013 deverá superar a média do país. As perspectivas para 2014 indicam continuidade do maior dinamismo da atividade do estado, sustentado pela recuperação da agricultura, em resposta à melhoria das condições climáticas; pelo desempenho do comércio varejista, favorecido pelos programas sociais e pela expansão moderada do crédito; e pelos impactos da realização da Copa do Mundo sobre o setor de serviços.

Gráfico 2.11 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Ceará

Dados dessazonalizados - Média móvel trimestral

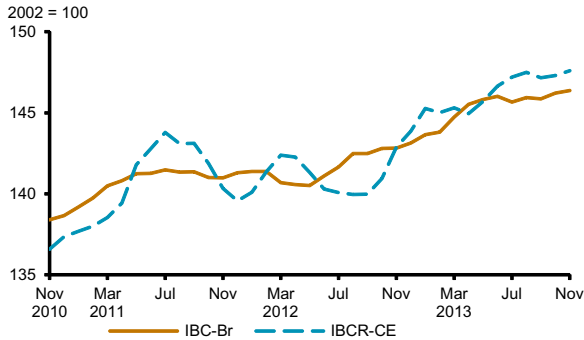
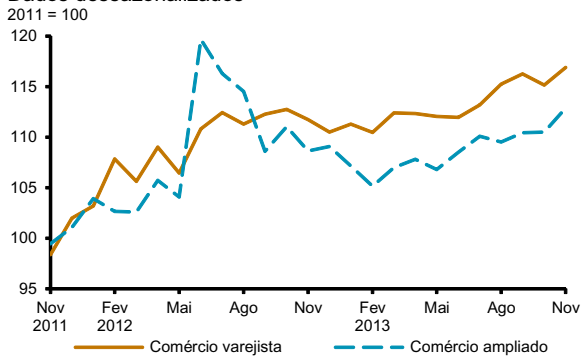


Gráfico 2.12 – Comércio varejista – Ceará

Dados dessazonalizados



Fonte: IBGE

Tabela 2.23 – Comércio varejista – Ceará

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2012	2013		
		Ago ^{1/}	Nov ^{1/}	12 meses
Comércio varejista	9,6	1,1	2,3	3,8
Combustíveis e lubrificantes	22,3	-2,9	3,5	13,4
Hiper e supermercados	7,5	1,6	2,0	0,2
Móveis e eletrodomésticos	22,0	3,2	3,1	7,8
Artigos farm. médicos, ortopédicos	13,2	-3,6	2,3	18,2
Comércio ampliado	9,1	2,0	1,7	0,1
Automóveis e motocicletas	6,8	0,7	-0,7	-8,1
Material de construção	15,8	-0,9	11,4	4,1

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Tabela 2.24 – Receita nominal de serviços – Ceará

Serviços empres. não financeiros, exceto saúde e educação

Segmentos	Variação %		
	2013		
	Ago ^{1/}	Nov ^{1/}	12 meses
Total	14,2	11,1	13,8
Serviços prestados às famílias	25,8	17,9	17,8
Serviços de informática e comunicação	7,9	7,7	6,6
Serviços profissionais e administrativos	16,4	12,4	20,4
Transportes e correio	14,2	8,9	11,8
Outros serviços	10,9	16,2	11,5

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa ao trimestre encerrado no mês assinalado e o mesmo período do ano anterior.

Ceará

O PIB do Ceará cresceu, na margem, 1,1% no terceiro trimestre de 2013 (2% no segundo), de acordo com o Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (Ipece). Ratificando o menor dinamismo da economia do estado, o IBCR-CE variou 0,1% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando crescera 1,2%, neste tipo de comparação, dados dessazonalizados. O indicador cresceu 3,4% no período de doze meses até novembro (3% em agosto).

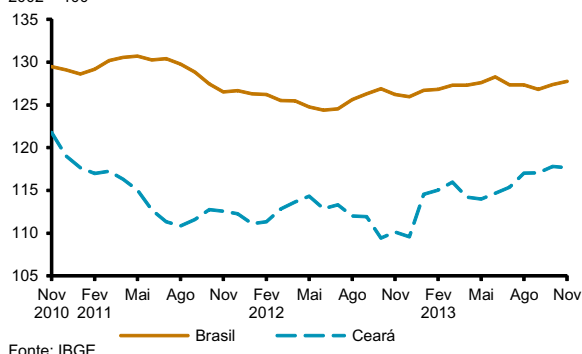
O comércio varejista do estado cresceu 2,3% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando havia aumentado 1,1%, no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Destacam-se os aumentos nos segmentos combustíveis e lubrificantes, 3,5%, e móveis e eletrodomésticos, 3,1%. Incorporadas as variações nas vendas de veículos, motos, partes e peças, -0,7%, e de material de construção, 11,4%, o comércio ampliado no estado cresceu 1,7% no trimestre.

Considerados intervalos de doze meses, as vendas varejistas cresceram 3,8% em novembro, em relação a igual período de 2012 (5,8% em agosto), destacando-se os aumentos nos segmentos artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos, 18,2%, e combustíveis e lubrificantes, 13,4%. O comércio ampliado, incluídas as elevações respectivas de -8,1% e 4,1% nas vendas de veículos, motos, partes e peças, e de material de construção, cresceu 0,1% no período.

A receita nominal do setor de serviços aumentou 11,1% no trimestre encerrado em novembro, em relação a igual período de 2012, segundo a PMS, do IBGE, ressaltando-se a expansão de 17,9% nos serviços prestados às famílias. O indicador variou 13,8% no intervalo de doze meses encerrado em novembro, em relação a igual período de 2012, com destaque para os segmentos serviços profissionais, administrativos e complementares (20,4%), e serviços prestados às famílias (17,8%).

A produção industrial do Ceará aumentou 0,6% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando crescera 2,7%, neste tipo de análise, de acordo com dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE. Ocorreram expansões em quatro das dez atividades pesquisadas (têxtil, 9,3%; calçados, 4%).

Gráfico 2.13 – Produção industrial – Ceará
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 2.25 – Produção industrial – Ceará
Geral e setores selecionados

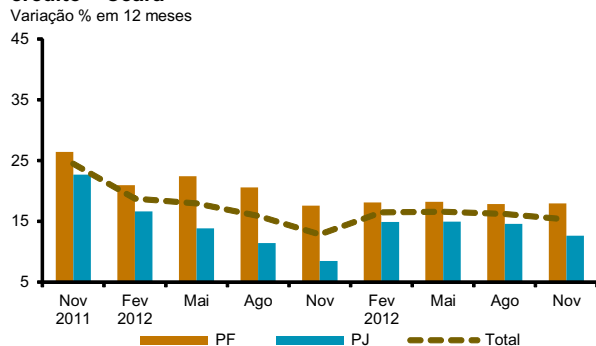
Setores	Pesos ^{1/} 2013	Variação % no período		
		Ago ^{2/}	Nov ^{2/}	12 meses
Indústria geral	100,0	2,7	0,6	3,1
Alimentação e bebidas	34,6	2,1	2,4	0,0
Têxtil	16,5	5,6	9,3	8,7
Calçados e artigos de couro	15,7	7,7	4,0	20,1
Produtos químicos	11,7	-6,7	-0,5	-10,6

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 2.14 – Evolução do saldo das operações de crédito – Ceará^{1/}
Variação % em 12 meses



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

Tabela 2.26 – Necessidades de financiamento – Ceará^{1/}

UF	R\$ milhões			
	Resultado primário		Juros nominais	
	2012 Jan-set	2013 Jan-set	2012 Jan-set	2013 Jan-set
Estado do Ceará	-304	-426	232	233
Governo estadual	-270	-258	234	238
Capital	7	-109	-0	4
Demais municípios	-41	-59	-3	-9

1/ Inclui inform. do Estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

A indústria cearense cresceu 3,1% no intervalo de doze meses terminado em novembro, em relação a igual intervalo do ano anterior (0,8% em agosto), ressaltando-se os aumentos nas atividades de refino de petróleo e álcool, 23%, e calçados e artigos de couro, 20,1%.

O faturamento real da indústria de transformação cearense cresceu 13% no período de doze meses encerrado em novembro (15,5% em agosto), de acordo com o Instituto de Desenvolvimento Industrial do Ceará (Indi) da Federação das Indústrias do Estado do Ceará (Fiec). Na mesma base de comparação, houve aumentos no pessoal empregado, 5,5%, e na remuneração real, 2,2%, e redução de 0,7% nas horas trabalhadas. O Nuci médio atingiu 87,6% em novembro (87,4% em agosto de 2013 e 88,4% em novembro de 2012).

O volume das operações de crédito superiores a R\$1 mil atingiu R\$49 bilhões em novembro, elevando-se 3,5% no trimestre e 15,3% em doze meses. A carteira do segmento de pessoas físicas atingiu R\$25 bilhões, elevando-se 3,9% no trimestre e 18% em doze meses, destacando-se as modalidades crédito consignado, aquisição de automóveis, e financiamentos habitacionais. O saldo das operações de pessoas jurídicas totalizou R\$24 bilhões, com variações respectivas de 3,1% e 12,6% nas bases de comparação consideradas, destacando-se as contratações dos setores geração e transmissão de energia elétrica, serviços públicos (exceto educação e saúde), e construção civil.

A inadimplência atingiu 3,9% em novembro, reduzindo-se 0,22 p.p. no trimestre e 0,65 p.p. em doze meses. O recuo trimestral decorreu de retrações de 0,07 p.p. no segmento de pessoas jurídicas e de 0,39 p.p. no de pessoas físicas, nos quais a inadimplência atingiu 2,6% e 5,3%, respectivamente.

O *superavit* primário dos governos do estado, da capital e dos principais municípios do Ceará totalizou R\$426 milhões nos nove primeiros meses de 2013. O crescimento de 40,2% em relação a igual período do ano anterior refletiu as variações respectivas de -4,3% e 44,5% nos *superavits* do governo estadual e dos demais municípios considerados, e a reversão, de *deficit* de R\$7 milhões para *superavit* de R\$109 milhões, no resultado da capital.

Os juros nominais, apropriados por competência, totalizaram R\$233 milhões, ampliação de 0,5% em relação aos nove primeiros meses de 2012. O *superavit* nominal totalizou R\$193 milhões, elevando-se 167,4% no período.

Tabela 2.27 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Ceará^{1/}

UF	R\$ milhões					
	Dívida	Fluxos acumulados no ano				Dívida ^{2/}
	2012	Nominal	Outros ^{4/}		2013	
	Dez	Primário	Juros	Total ^{3/}	2013	Set
Estado do Ceará	3 313	-426	233	-193	1 371	4 490
Governo estadual	3 508	-258	238	-20	1 360	4 848
Capital	147	-109	4	-105	11	53
Demais municípios	-342	-59	-9	-69	0	-411

1/ Inclui inform. do Estado e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhec. de dívidas e privatiz.

Tabela 2.28 – Produção agrícola – Ceará

Itens selecionados

Discriminação	Peso ^{1/} (%)	Em mil toneladas		
		Produção ^{2/}		Var. %
		2012	2013	
Produção de grãos		232	239	3,3
Milho	20,25	123	130	6,2
Feijão	19,14	53	56	5,5
Arroz (em casca)	2,30	51	49	-3,8
Outras lavouras selecionadas				
Banana	9,75	416	375	-9,7
Mandioca	6,86	469	302	-35,5
Castanha-de-caju	5,61	39	53	37,3

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2011.

2/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2013.

Tabela 2.29 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Ceará			Brasil
	2012	2013	Var. %	Var. %
Total	1 267	1 420	12,1	-0,2
Básicos	333	306	-8,2	-0,4
Industrializados	934	1 114	19,4	0,0
Semimanufaturados	293	261	-11,0	-7,6
Manufaturados ^{1/}	641	854	33,2	2,7

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

A dívida líquida dos governos do estado, da capital e dos principais municípios do Ceará atingiu R\$4,5 bilhões em setembro, crescendo 35,5% em relação a dezembro de 2012. Sua participação no endividamento regional passou de 8,8% para 11,6%, no período.

Dados preliminares até dezembro de 2013 para os governos estadual, da capital e dos principais municípios do Ceará, considerados de forma conjunta, indicam superavit primário de R\$445 milhões, comparativamente ao *deficit* de R\$616 milhões no ano anterior. Os juros nominais, por sua vez, alcançaram R\$325 milhões em 2013, aumentando 6% em relação ao valor registrado em 2012. O endividamento líquido alcançou R\$4,7 bilhões em dezembro, crescendo 41,8% em relação ao ano anterior, segundo os dados preliminares.

A safra de grãos do Ceará totalizou 239,3 mil toneladas em 2013, de acordo com o LSPA/IBGE de dezembro. O aumento anual de 3,3% refletiu, em especial, os crescimentos respectivos de 6,2% e 5,5% nas safras de milho e de feijão, principais lavouras do estado. Adicionalmente, ressaltam-se o acréscimo de 37,3% na produção de castanha-de-caju (aumento de 36,5% na produtividade) e a redução de 35,5% na de mandioca.

A balança comercial do Ceará acumulou *deficit* de US\$1,9 bilhão em 2013, de acordo com o MDIC. O aumento anual de US\$300 milhões decorreu de elevações nas exportações, 12,1%, e nas importações, 15,3%, que totalizaram US\$1,4 bilhão e US\$3,3 bilhões, respectivamente.

O desempenho das exportações cearenses refletiu recuo de 3,9% nos preços e elevação de 16,7% no *quantum*. Ocorreram aumentos de 33,2% nas vendas de manufaturados e decréscimos nos embarques de semimanufaturados (11%) e de produtos básicos (8,2%). As exportações direcionadas aos EUA, Holanda, Antilhas Holandesas, Argentina e Cingapura (concentradas em óleos combustíveis) representaram, em conjunto, 48,7% das vendas externas do estado em 2013.

O aumento das importações resultou de crescimentos de 0,4% nos preços e 14,8% no *quantum*. Houve elevações nas compras de bens de consumo (6,5%), matérias-primas (20,8%) e combustíveis e lubrificantes (106,7%), com ênfase na expansão de 157,4% nas aquisições de gás natural liquefeito para abastecimento do terminal de regaseificação da Petrobras instalado no Porto do Pecém. Em sentido oposto, as compras de bens de capital recuaram 26,7% (turbinas a vapor e suas partes, -44,5%; motores, geradores e transformadores elétricos e suas partes, -48,1%). As

Tabela 2.30 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Ceará			Brasil
	2012	2013	Var. %	Var. %
Total	2 864	3 302	15,3	7,4
Bens de capital	912	668	-26,7	6,2
Matérias-primas	1 452	1 754	20,8	6,7
Bens de consumo	154	164	6,5	4,0
Duráveis	71	78	9,7	0,0
Não duráveis	83	86	3,7	9,2
Combustíveis e lubrificantes	346	715	106,7	14,7

Fonte: MDIC/Secex

Tabela 2.31 – Evolução do emprego formal – Ceará

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2012		2013		
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Total	17,2	-6,9	5,0	20,8	23,8
Indústria de transformação	4,3	-1,1	0,9	4,1	2,9
Serviços industriais de utilidade pública	-0,2	0,1	0,1	0,1	0,1
Construção civil	-1,0	-1,8	1,7	0,5	2,6
Comércio	8,3	-0,9	1,4	2,5	8,5
Serviços	5,7	-1,2	1,0	10,7	8,7
Agropecuária	0,8	-2,4	-0,3	2,8	1,0
Outros ^{2/}	-0,5	0,4	0,3	0,1	0,1

Fonte: MTE

^{1/} Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.^{2/} Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.**Tabela 2.32 – IPCA – Fortaleza**

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação %			
		2012	2013		
		Ano	III Tri	IV Tri	Ano
IPCA	100,0	6,70	0,49	2,20	6,37
Livres	80,1	8,33	0,56	2,41	7,02
Comercializáveis	43,4	6,54	0,94	2,58	4,99
Não comercializáveis	36,7	10,69	0,10	2,20	9,55
Monitorados	19,9	0,69	0,23	1,33	3,84
Principais itens					
Alimentação	31,8	13,29	-0,53	2,25	8,26
Habitação	13,3	2,48	1,72	1,83	5,12
Artigos de residência	4,6	-1,91	1,68	2,08	5,76
Vestuário	7,6	4,46	0,27	4,18	2,68
Transportes	16,0	0,83	-0,12	2,33	5,34
Saúde	9,7	5,66	1,40	1,23	6,87
Despesas pessoais	8,9	12,74	1,73	3,22	8,08
Educação	4,3	9,08	1,10	0,17	8,37
Comunicação	3,7	1,20	0,76	1,06	1,13

Fonte: IBGE

^{1/} Pesos relativos ao trimestre encerrado no período t-3.

importações provenientes da China, EUA, Trinidad e Tobago, Argentina e Alemanha representaram 59,6% do total adquirido pelo Ceará, em 2013.

O mercado de trabalho cearense gerou, de acordo com o Caged/MTE, 23,8 mil empregos formais no trimestre encerrado em novembro de 2013 (17,2 mil em igual período do ano anterior), destacando-se as contratações da construção civil e do setor de serviços (11,3 mil postos, ante 4,6 mil no trimestre terminado em novembro de 2012). A economia do estado criou 48 mil vagas nos onze primeiros meses de 2013 (35,3 mil em igual período do ano anterior).

O nível de emprego formal no Ceará cresceu 0,8% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, com aumentos em seis das oito atividades pesquisadas (serviços industriais de utilidade pública, 2,9%; extrativa mineral, 2,2%), dados dessazonalizados.

O IPCA da Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), divulgado pelo IBGE, variou 2,20% no trimestre encerrado em dezembro (0,49% no finalizado em setembro), resultado de acelerações dos preços livres, de 0,56% para 2,41%, e o dos monitorados, de 0,23% para 1,33%, esta refletindo, em especial, os aumentos nos itens ônibus interestadual, 6,54%, gasolina, 4,29%, e gás de botijão, 3,11%. A trajetória dos preços livres decorreu de aumentos nas variações dos preços dos bens comercializáveis, de 0,94% para 2,58% (vestuário, 4,18%), e dos não comercializáveis, de 0,10% para 2,20% (passagem aérea, 45,91%, cimento, 13,61%, e tubérculos, raízes e legumes, 12,11%). O índice de difusão atingiu 57,68% no trimestre encerrado em dezembro (53,53% em setembro).

A variação do IPCA na RMF atingiu 6,37% em 2013 (6,70% em 2012), reflexo de desaceleração dos preços livres, de 8,33% para 7,02%, e aceleração dos monitorados, de 0,69% para 3,84%. A evolução dos preços livres refletiu, em parte, a menor variação dos preços de alimentação e bebidas, enquanto o desempenho dos monitorados foi influenciado pelas elevações nos itens gás de botijão, 12,21%, óleo diesel, 11,69%, táxi, 10,49%, e ônibus urbano, 10%.

A atividade econômica cearense mantém ritmo de crescimento acima da média brasileira, apesar da moderação recente. Para os próximos trimestres, as perspectivas contemplam maior dinamismo, decorrente da continuidade da expansão do mercado interno do estado; da retomada recente da atividade industrial; e da continuidade dos investimentos públicos e privados.

Gráfico 2.15 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Pernambuco

Dados dessazonalizados

2002 = 100

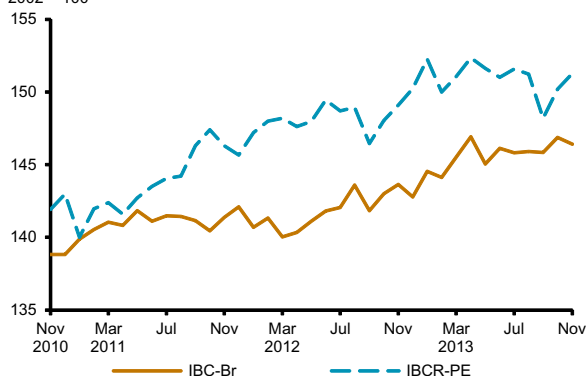
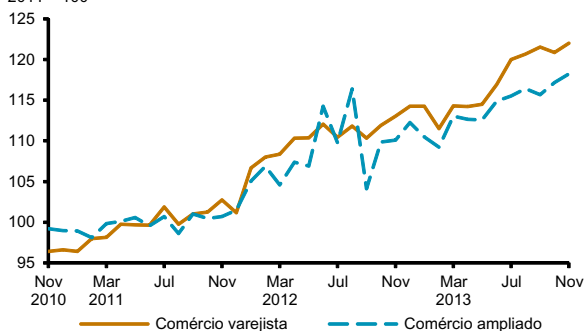


Gráfico 2.16 – Comércio varejista – Pernambuco

Dados dessazonalizados

2011 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 2.33 – Comércio varejista – Pernambuco

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2013			
	Mai ^{1/}	Ago ^{1/}	Nov ^{1/}	12 meses
Comércio varejista	0,9	4,2	1,9	6,9
Combustíveis e lubrificantes	8,4	6,7	-2,2	12,3
Hiper e supermercados	-0,6	3,7	-0,1	0,4
Tecidos, vestuário e calçados	-2,4	0,4	-0,6	9,0
Móveis e eletrodomésticos	-2,1	8,4	4,6	9,3
Comércio ampliado	1,9	2,5	1,2	5,3
Automóveis e motocicletas	2,7	0,6	-1,3	-1,3
Material de construção	10,5	1,1	2,5	17,1

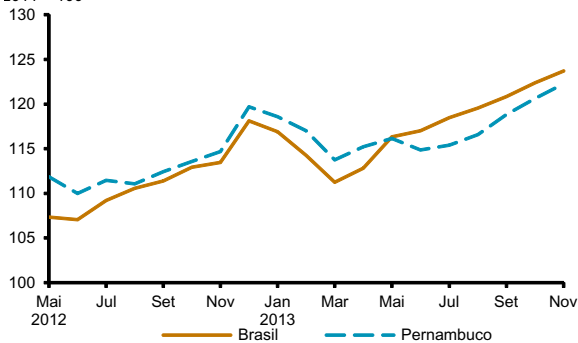
Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 2.17 – Receita nominal de serviços

Dados observados – Média móvel trimestral

2011 = 100



Fonte: IBGE

Pernambuco

O PIB do estado decresceu, na margem, 0,8% no terceiro trimestre de 2013, de acordo com dados dessazonalizados da Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco (Condepe/Fidem). Ocorreram recuos de 2,7% na agropecuária, 1,8% na indústria e 0,4% no setor de serviços. Dados mais recentes, em especial a retração acentuada da produção industrial, sinalizam a continuidade do desempenho negativo da economia estadual nos meses finais do ano. Neste sentido, o IBCR-PE recuou 0,9% no trimestre finalizado em novembro, em relação ao terminado em agosto, quando decrescera 0,2%, no mesmo tipo de comparação, dados dessazonalizados. Considerados períodos de doze meses, o indicador variou 1,9% em novembro, em relação ao mesmo período de 2012 (3,1% em agosto).

As vendas do comércio varejista cresceram 1,9% no trimestre finalizado em novembro, em relação ao encerrado em agosto, quando haviam aumentado 4,2%, na mesma base de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Destacou-se a variação no segmento de móveis e eletrodomésticos (4,6%). Incluídos as variações de 2,5% nas vendas de material de construção e de -1,3% de veículos, o comércio ampliado cresceu 1,2% no trimestre.

Considerados intervalos de doze meses, o comércio varejista cresceu 6,9% em novembro (7,1% em agosto), destacando-se a elevação de 12,3% nas vendas de combustíveis e lubrificantes. Incorporadas as variações nos segmentos automóveis (-1,3%) e material de construção (17,1%), as vendas do comércio ampliado elevaram-se 5,3% no período (5,0% em agosto).

A receita nominal do setor de serviços de Pernambuco cresceu 6,6% no trimestre finalizado em novembro, em relação a igual período de 2012 (5% em agosto), conforme a PMS do IBGE, com destaque para os aumentos de 12,8% em transportes e correio e 11,4% em outros serviços, que inclui intermediação financeira e atividades imobiliárias. O indicador cresceu 5,5% no período de doze meses até novembro (transportes e correio, 14,4%, e serviços de informação e comunicação, 5,5%).

A produção industrial do estado decresceu 6,8% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando expandira 1,2%, na mesma base de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PIM-PF Regional do IBGE. O resultado, maior retração desde o

Tabela 2.34 – Receita nominal de serviços – Pernambuco
Serv. empresariais não financeiros, exceto saúde e educação

Segmentos	Var. %			
	2012	2013		
	Ano	Ago ^{1/}	Nov ^{1/}	12 meses
Total	12,4	5,0	6,6	5,5
Serviços prestados às famílias	14,3	5,2	8,4	4,6
Serviços de informação e comunicação	7,6	5,6	6,5	5,5
Serviços profissionais e administrativos	16,3	-1,4	0,1	-1,7
Transportes e correio	11,8	12,9	12,8	14,4
Outros serviços	23,0	-4,1	11,4	4,7

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa ao trimestre encerrado no mês assinalado e o mesmo período do anterior.

Tabela 2.35 – Produção industrial – Pernambuco
Geral e setores selecionados

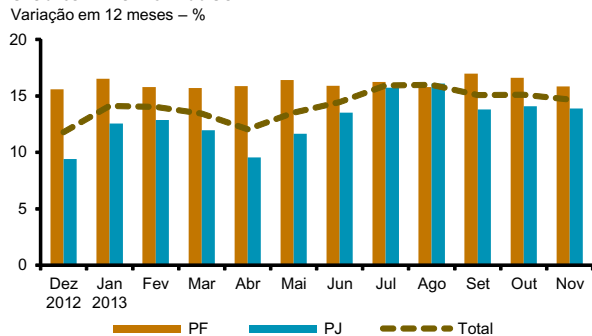
Setores	Variação % no período			
	Pesos ^{1/} 2013			
		Ago ^{2/}	Nov ^{2/}	Acum. 12 meses
Indústria geral	100,0	1,2	-6,8	0,3
Alimentação e bebidas	36,0	-1,5	-10,0	-1,3
Metalurgia básica	15,5	14,4	4,8	2,2
Química	15,2	0,3	-8,8	6,0
Minerais não metálicos	8,2	-1,8	-3,2	-1,8
Produtos de metal	6,6	17,2	-2,1	-1,9
Borracha e plástico	6,2	-6,7	3,2	0,3

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 2.18 – Evolução do saldo das operações de crédito – Pernambuco^{1/}
Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

Tabela 2.36 – Necessidades de financiamento – Pernambuco^{1/}

UF	R\$ milhões			
	Resultado primário		Juros nominais	
	2012	2013	2012	2013
	Jan-set	Jan-set	Jan-set	Jan-set
Estado de Pernambuco	-535	-21	554	425
Governo estadual	-470	569	557	433
Capital	-153	-419	-0	2
Demais municípios	88	-170	-3	-10

1/ Inclui informações dos Estados e de seus principais municípios.

Dados preliminares.

mesmo trimestre de 1998, refletiu, principalmente, a retração de 10% na atividade alimentação e bebidas, determinada pelos efeitos da seca sobre a produção sucroalcooleira. De acordo com o Sindicato da Indústria do Açúcar e do Alcool de Pernambuco, as produções de açúcar e etanol recuaram 37% e 17%, respectivamente, no trimestre encerrado em outubro (três primeiros meses do período de moagem da cana-de-açúcar), em relação a igual período de 2012.

Considerados intervalos de doze meses, a produção da indústria de Pernambuco ampliou-se 0,3% em novembro (retração de 0,6% em agosto), em relação a igual período de 2012. Destacaram-se os aumentos respectivos de 6% e 2,2% nas indústrias química e de metalurgia básica, e os recuos nos segmentos produtos de metal (1,9%) e minerais não metálicos (1,8%).

O Índice de Confiança do Empresário Industrial atingiu 59 pontos em novembro, elevando-se pelo quarto mês consecutivo, após atingir o mínimo histórico de 54,7 pontos em julho, de acordo com a Federação das Indústrias do Estado de Pernambuco (Fiepe).

As operações de crédito superiores a R\$1 mil realizadas no estado totalizaram R\$75,2 bilhões em novembro, elevando-se 2,6% no trimestre e 14,7% em doze meses. As contratações no segmento de pessoas físicas somaram R\$30,2 bilhões, aumentando 3,7% e 15,8% nas mesmas bases de comparação, com destaque para as modalidades financiamento imobiliário do SFH, cartão de crédito e crédito consignado. O estoque de crédito no segmento de pessoas jurídicas atingiu R\$45 bilhões, elevando-se 1,9% no trimestre e 13,9% em doze meses, com ênfase nas contratações dos segmentos construção, comércio de outros produtos e geração, transmissão e distribuição de eletricidade e gás.

A taxa de inadimplência nas operações de crédito atingiu 3,01% em novembro, (3,06% em agosto), resultado de variações de -0,21 p.p. e 0,03 p.p. nos segmentos de pessoas físicas e pessoas jurídicas, nos quais a inadimplência situou-se em 5,75% e 1,4%, respectivamente.

O *superavit* primário dos governos do estado, da capital e dos principais municípios pernambucanos totalizou R\$21 milhões nos nove primeiros meses de 2013 (R\$535 milhões em igual período de 2012). A retração decorreu de reversões, de *superavit* de R\$470 milhões para deficit de R\$569 milhões na esfera estadual, e de *deficit* de R\$88 milhões para *superavit* de R\$170 milhões na esfera dos

Tabela 2.37 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Pernambuco^{1/}

R\$ milhões						
UF	Dívida	Fluxos acumulados no ano				Dívida ^{2/}
	2012	Nominal		Outros ^{4/}		2013
	Dez	Primário	Juros	Total ^{3/}	Set	
Estado de Pernambuco	5 425	-21	425	404	150	5 979
Governo estadual	5 336	569	433	1 002	142	6 480
Capital	288	-419	2	-418	7	-123
Demais municípios	-199	-170	-10	-180	1	-378

1/ Inclui inform. do Estado e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhec. de dívidas e privatiz.

Tabela 2.38 – Produção agrícola – Pernambuco

Ítems selecionados

Discriminação	Peso ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção ^{2/}		Variação %
		2012	2013 ^{2/}	2013/2012
Grãos				
Feijão	1,8	18	46	150,1
Milho	0,5	18	1	-94,3
Outras lavouras				
Cana-de-açúcar	34,0	14 242	15 164	6,5
Uva	19,1	225	229	1,8
Mandioca	11,8	342	301	-11,9
Banana	6,3	408	362	-11,2
Cebola	5,1	96	94	-1,7

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2012

2/ Estimativa segundo o LSPA de novembro de 2013.

Tabela 2.39 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Pernambuco			Brasil
	2012	2013	Var. %	Var. %
Total 1/	1 320	1 992	50,9	-0,2
Básicos	155	143	-7,4	-0,4
Industrializados	1 165	1 848	58,6	0,0
Semimanufaturados	257	152	-40,9	-7,6
Manufaturados	908	1 696	86,8	2,7

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 2.40 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Pernambuco			Brasil
	2012	2013	Var. %	Var. %
Total	6 596	6 824	3,5	7,4
Bens de consumo	684	671	-1,9	4,0
Duráveis	341	349	2,4	0,0
Não duráveis	343	322	-6,2	9,2
Bens intermediários	2 010	2 212	10,0	6,7
Bens de capital	866	985	13,8	6,2
Combustíveis e lubrificantes	3035	2957	-2,6	14,7

Fonte: MDIC/Secex

demais municípios; e de aumento de 174,8% no *superavit* da capital.

Os juros nominais, apropriados por competência, totalizaram R\$425 milhões. A redução de 23,4% em relação aos nove primeiros meses de 2012 refletiu, em especial, o recuo de 3,6 p.p. na variação do IGP-DI (principal indexador das dívidas com a União), no período. O *deficit* nominal atingiu R\$404 milhões nos nove primeiros meses de 2013.

A dívida líquida dos governos dos estados, da capital e dos principais municípios pernambucanos somou R\$6 bilhões em setembro de 2013. O acréscimo de 10,2% em relação a dezembro de 2012 refletiu, principalmente, o crescimento de 21,4% na dívida do governo do estado.

Informações preliminares até dezembro de 2013 para os governos estadual, da capital e dos principais municípios pernambucanos, considerados conjuntamente, apontam *deficit* primário de R\$757 milhões, valor 26,4% superior ao *deficit* registrado no ano anterior. Os juros nominais alcançaram R\$626 milhões em 2013, reduzindo-se 7,8% em relação ao ano anterior. O endividamento líquido, ainda segundo os dados preliminares, alcançou R\$7,1 bilhões em dezembro, crescendo 31,3% em relação a 2012.

A produção de cana-de-açúcar do estado totalizou 15,2 milhões de toneladas em 2013 (média de 18,5 milhões de toneladas de 2003 a 2012), de acordo com o LSPA/IBGE de dezembro. O aumento anual de 6,5% refletiu, fundamentalmente, a elevação de 6,4% na produtividade. As safras de mandioca, banana e cebola, refletindo condições climáticas adversas, recuaram 11,9%, 11,2% e 1,7%, respectivamente, no ano. A produção de uva, lavoura irrigada no vale do São Francisco, aumentou 1,8%, e a safra de grãos, 5,8%, com destaque para as variações anuais nas colheitas de feijão, 150,1%, e milho, -94,3%.

De acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), a safra de cana-de-açúcar de Pernambuco deverá recuar 1,7% em 2014, reflexo de variações de -8,4% na área cultivada e 7,3% na produtividade. A estimativa de aumento anual de 60,4% para a safra de grãos do estado sustenta-se, em especial, na projeção de crescimento de 60,1% na produtividade.

O *deficit* da balança comercial pernambucana somou US\$4,8 bilhões em 2013 (US\$5,3 bilhões no ano anterior), segundo o MDIC. As exportações e as importações aumentaram, respectivamente, 50,9% e 3,5%, atingindo, na ordem, US\$2,0 bilhões e US\$6,8 bilhões.

Tabela 2.41 – Evolução do emprego formal – Pernambuco

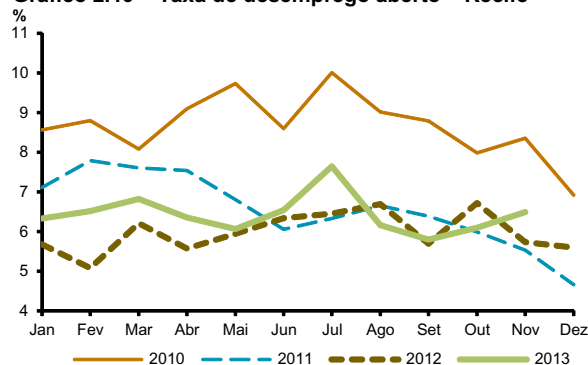
Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2012	2013			
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Total	23,5	-25,5	-19,3	8,9	40,6
Indústria de transformação	14,5	-15,7	-10,5	5,3	24,4
Comércio	9,0	-3,1	-3,9	-1,1	7,7
Serviços	2,9	-2,5	1,3	1,0	6,4
Construção civil	-0,5	0,5	-4,5	-2,0	2,3
Agropecuária	-1,9	-5,3	-2,3	5,9	-0,7
Serviços ind. de utilidade pública	-0,6	0,5	0,5	-0,1	0,4
Outros ^{2/}	0,0	0,0	0,0	-0,1	0,1

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

Gráfico 2.19 – Taxa de desemprego aberto – Recife

Fonte: IBGE

Tabela 2.42 – IPCA – Recife

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % trimestral			
		2013			
		I Tri	II Tri	III Tri	IV Tri
IPCA	100,0	2,27	1,80	0,60	2,02
Livres	78,9	3,02	2,01	0,47	2,33
Comercializáveis	40,4	1,90	1,16	1,08	2,29
Não comercializáveis	38,5	4,24	2,91	-0,16	2,39
Monitorados	21,1	-0,43	1,02	1,07	0,88
Principais itens					
Alimentação	26,8	5,79	2,08	-1,17	2,56
Habitação	13,3	-1,27	2,65	1,88	1,80
Artigos de residência	5,2	2,09	1,09	1,04	2,67
Vestuário	7,9	0,09	3,68	0,83	4,20
Transportes	15,2	1,60	-0,62	1,31	1,34
Saúde	12,7	1,61	2,89	1,39	0,58
Despesas pessoais	9,9	1,54	2,62	1,34	3,10
Educação	4,7	5,27	0,33	0,80	0,26
Comunicação	4,2	-0,79	0,13	0,11	0,82

Fonte: IBGE

1/ Referentes a dezembro de 2013.

O resultado das exportações refletiu alta de 73,8% no *quantum* e recuo de 13,2% nos preços. As vendas de bens manufaturados cresceram 50,9% no ano, destacando-se os impactos da exportação de uma plataforma de petróleo em dezembro de 2013 (US\$1,2 bilhão) e do início dos embarques de insumo para plástico politereftalato de etileno (PET). As exportações de bens semimanufaturados reduziram-se 40,9% (açúcar em bruto, -40,6%). Panamá, Argentina, EUA e Holanda, em ordem de importância, adquiriram, em conjunto, 73,6% das exportações do estado em 2013.

O crescimento das importações, reflexo de variações respectivas de 6% e -2,4% no *quantum* e nos preços, decorreu de aumentos nas aquisições de bens de capital, 13,8% (equipamentos móveis de transporte, 137,3%), e de bens intermediários, 10% (trigo, 47,5%), e de retrações respectivas de 2,6% e 1,9% nas compras de combustíveis e lubrificantes e bens de consumo. EUA, China, Argentina e México constituíram, em conjunto, a origem de 55,9% das compras externas de Pernambuco em 2013.

O mercado de trabalho do estado gerou 40,6 mil empregos formais no trimestre encerrado em novembro (23,5 mil em igual período de 2012), de acordo com o Caged/MTE, dos quais 24,4 mil na indústria de transformação, 7,7 mil no comércio e 6,4 mil no setor de serviços. O nível de emprego formal cresceu 0,8% no trimestre terminado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando aumentara 0,1%, no mesmo tipo de análise, dados dessazonalizados.

A taxa de desemprego da RMR atingiu 6,1% no trimestre terminado em novembro, mesmo percentual em igual período de 2012, segundo a PME do IBGE. Os rendimentos médios reais habitualmente recebidos e a massa de rendimentos aumentaram, na ordem, 2,2% e 4,6%, na mesma base de comparação. Considerando dados dessazonalizados, a taxa de desemprego atingiu 6,1% no trimestre finalizado em novembro (7,1% no encerrado em agosto), com elevações de 1,4% na população ocupada e 0,3% na PEA.

O IPCA da RMR variou 2,02% no quarto trimestre do ano (0,60% no terceiro), resultado de aceleração dos preços livres, de 0,47% para 2,33% e desaceleração dos monitorados, de 1,07% para 0,88%.

A evolução dos preços livres decorreu de aumentos nas variações dos preços dos bens comercializáveis, de 1,08% para 2,29% (vestuário, 4,20%; carnes, 5,49%; e cigarro, 12,67%), e dos não comercializáveis, de -0,16%

para 2,39% (alimentação fora do domicílio, 2,70%; aluguel residencial, 3,86%; tubérculos, raízes, e legumes, 18,16%; e passagem aérea, 29,6%).

A desaceleração dos preços monitorados resultou, principalmente, das reduções respectivas de 1,25% e 0,51% nos itens produtos farmacêuticos e emplacamento e licença. O índice de difusão atingiu 65,35% (60,63% no terceiro trimestre).

A variação anual do IPCA da RMR atingiu 6,85% em 2013. Os preços livres aumentaram 8,05% (subgrupo alimentação fora do domicílio, 11,53%) e os monitorados, 2,55% (planos de saúde, 8,82%; gás de botijão, 14,71%; e gasolina, 7,35%).

A trajetória desfavorável da economia pernambucana no período recente decorre, em especial, dos efeitos da seca sobre o setor sucroalcooleiro, que detém participação relevante na cadeia produtiva do estado. As perspectivas para 2014 – em cenário de continuidade do crescimento do consumo, sustentado por expansões da massa de rendimentos e no crédito às pessoas físicas – estão condicionadas, em especial, pelo desenvolvimento da agricultura e pelo ritmo de implantação dos projetos de investimento privados e de infraestrutura.